

1. SOBRE O SOCED

1.1. Antecedentes

Duas pesquisas com o apoio do CNPq serviram de base para a criação e consolidação das atividades do grupo de pesquisas:

- Do texto à História de uma Disciplina. A sociologia da educação que se pode ler no "Educação e desenvolvimento" de J.Roberto Moreira.
- A construção de uma tradição intelectual: a pesquisa no campo da educação - o caso do Rio de Janeiro.

O grupo constituído em 1993, sob a coordenação da Professora Zaia Brandão, contou com a colaboração da Professora Ana Waleska Mendonça nestas duas pesquisas. Estudantes do programa de pós-graduação em educação passaram a participar das reuniões semanais de pesquisa, articulando suas pesquisas de mestrado e doutorado ao trabalho do SOCED, quer através do aprofundamento ou desdobramento dos temas investigados, quer incorporando ao seu trabalho de pesquisa muitas das estratégias teórico-metodológicas exercitadas no trabalho de pesquisa institucional¹.

A publicação de artigo coletivo na Revista Brasileira de Educação/ANPED - *O esquecimento de um livro: tentativa de reconstituição de uma tradição intelectual no campo da educação*, e a coletânea organizada por Zaia Brandão e Ana Waleska Mendonça, *Uma tradição esquecida. Porque não lemos Anísio Teixeira?* Em 1997, foram os veículos iniciais de divulgação no campo acadêmico das pesquisas e trabalho dos membros da equipe. Desta primeira fase do SOCED, dois trabalhos foram selecionados para participar de Congressos Internacionais:

- British Sociological Association: Making Time, Marking Time (annual meeting).

Zaia Brandão & Carlos Otávio Fiúza Moreira - Sociology of Education in the sixties in Brazil (York/UK abril: 2000)

¹ Nos anexos desse relatório estão listadas todas as dissertações e teses desenvolvidas pelos membros das equipes do SOCED.

- ISCHE (XXIIth International Standing Conference for the History of Education) Zaia Brandão & Ana Waleska Mendonça - Du texte à l'histoire d'une discipline: la Sociologie de l'Éducation qu'on peut lire dans le livre "Educação e Desenvolvimento no Brasil" de J. R. Moreira. (Alcalá de Henares/Espanha setembro: 2000).

1.2. Um laboratório de pesquisas em sociologia da educação

O SOCED tornou-se um verdadeiro laboratório de formação de pesquisadores em educação (mestrandos e doutorandos) a partir do projeto coletivo de pesquisa. Na primeira fase (Sociologia da Educação nas décadas de 50/60) três teses de doutorado e duas dissertações de mestrado² foram desenvolvidas nesta lógica, ou seja, os problemas de pesquisa foram gerados durante o processo de trabalho coletivo.

Ao final da década de 90 o SOCED passou a desenvolver pesquisas cujos problemas vinculam-se aos processos de socialização e escolarização. Integrou-se ao grupo nessa ocasião a professora Isabel Lelis que participou da pesquisa *Trajetórias escolares e processos de socialização*. Distanciando-se do campo da História da Educação, nesta fase e com este recorte, sentimos necessidade de uma ampliação das ferramentas teórico-metodológicas no campo das ciências sociais. O apoio obtido através das Bolsas de Produtividade em Pesquisa do CNPq assim como pelo Programa Cientistas do Nosso Estado da FAPERJ³, têm sido fundamentais para a melhoria das condições de nosso programa de formação de pesquisadores em sociologia da educação.

² A dissertação e tese de Libânia Nacif Xavier - *Para além do campo educacional: o estudo do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (1932) e O Brasil como Laboratório. Educação e Ciências Sociais no projeto dos Centros Brasileiros de Pesquisas Educacionais CBPE/INEP/MEC (1950-1960)*, a tese de Vera Henriques - *ANPED e a preocupação com a autonomia: em busca do reconhecimento e consagração* e a dissertação e tese de Carlos Otávio Moreira Fiúza - *Anísio Teixeira. Ciência, Progresso e Educação e Entre o Indivíduo e a Sociedade: a Filosofia de Educação de John Dewey*.

³ Concedido à professora Zaia Brandão

Até o final de 2003 fizeram parte da equipe 10 doutorandos, 8 mestrandos e 1 bolsista de apoio técnico do CNPq.

O SOCED tem tido como principal estratégia, na formação de pesquisadores em sociologia da educação, desenvolver projetos de pesquisas que exijam a superação dos monismos metodológicos que levam muitas vezes os pós-graduandos a uma "especialização precoce" em certos tipos de abordagens ("etnográficas" ou "macro-sociais") e ferramentas teórico-metodológicas (entrevistas, observação participante, questionários, interpretação de textos etc.). Gradativamente, fomos tornando mais efetiva a prática de pesquisa coletiva trabalhando no sentido de integrar a produção discente ao programa de pesquisa do SOCED. Do nosso ponto de vista, a ênfase excessiva na "originalidade" das pesquisas de mestrado e doutorado têm contribuído para a superficialidade e a fragmentação da pesquisa em educação. A atividade de pesquisa, em praticamente todas as áreas do conhecimento, é cada vez mais uma atividade de equipe, pois, a melhoria e rapidez dos canais de divulgação das pesquisas (CDs de Congressos e Seminários), os periódicos e os bancos de dados on line tornaram, até mesmo a simples revisão do estado do conhecimento sobre um tema, uma tarefa preferentemente coletiva. Na direção da ampliação das ferramentas de pesquisa em sociologia da educação, a articulação dos âmbitos macro e micro social têm sido uma constante nos desenhos de pesquisa do grupo.

Foram duas as pesquisas desenvolvidas nesta segunda etapa da história do SOCED:

- ➔ Trajetórias Escolares e Processos de Socialização.
- ➔ A Escolarização das Elites. Pesquisa sobre o rendimento escolar do "mundo natal"⁴.

Começamos a partir desta segunda fase do SOCED a trabalhar em interlocução permanente com os Bancos de Dados do INEP (SAEB,

⁴ Tema deste Relatório

ENC/"Provão"...)) e com o Laboratório de Avaliação Educacional coordenado pelos professores Creso Franco e Alicia Bonamino (Departamento da Educação/PUC-Rio) que vem investigando a Avaliação dos Sistemas Educacionais. A utilização do acervo de dados disponíveis no INEP, IBGE e em bancos de dados das Universidades tem propiciado um importante aprendizado para a equipe: ampliando as estratégias de identificação de fontes de consultas bibliográficas, e permitindo a contextualização dos dados das pesquisas do SOCED no Sistema Escolar (SAEB), na perspectiva das relações micro/macro; ou, inversamente, aprofundando uma questão de caráter mais geral - por exemplo: as relações dos jovens com a leitura - na perspectiva de um enfoque mais próximo (dados do SAEB/dados do SOCED), ou seja : relações macro/micro.

O apoio da FAPERJ, nos últimos anos, deu-nos condições inestimáveis para o andamento da pesquisa e o aperfeiçoamento da equipe. O financiamento numa perspectiva menos burocratizada - bem mais compatível com o andamento das atividades de grupos de pesquisa acadêmicos de maior experiência - ofereceu-nos condições especiais de infra-estrutura material (aquisição de computadores, gravadores e material bibliográfico), a possibilidade de contar com uma assessoria na área estatística, que treinou a equipe no trabalho com o EPinfo, CUDist e SPSS, assim como o apoio técnico de especialistas para a avaliação dos instrumentos de pesquisa.

O apoio do CNPq e da FAPERJ tem viabilizado, por outro lado, a participação freqüente da equipe em Seminários e Congressos nacionais e internacionais debatendo e divulgando o nosso trabalho. Até o final de novembro de 2004 estaremos colocando *on line* o Boletim do SOCED na *home page* da PUC-Rio.

2. O PROJETO APRESENTADO AO CNPq

**A escolarização das elites: rendimento escolar do
mundo natal**

As classes A e B costumam a funcionar como uma espécie de antena da sociedade. Saber o que elas acham de um determinado assunto é fundamental para conhecer as bases do pensamento do resto da sociedade em geral no dia de amanhã. [...] O fenômeno acontece porque os eleitores das classes A e B têm mais acesso aos jornais, às revistas, à internet, ao rádio e à televisão. Por essa razão, são os primeiros a conhecer as novidades e os primeiros a julgá-las. É por isso que, no jargão dos marketeiros, essas pessoas são chamadas de "formadores de opinião". Veja (21/02/2000)

Os sujeitos de nossa atual pesquisa são leitores diários de jornais, assinam a *Veja*, na televisão assistem, com frequência, mais de um noticiário por dia e, preferem os programas de debates e entrevistas. Colocam os filhos em escolas particulares e fazem parte dos grupos sociais "formadores de opinião". Aprofundar o estudo da escolarização dos filhos da elite (cultural e/ou econômica) na perspectiva de uma sociologia dos processos de Pierre Bourdieu⁵ impôs-se como desdobramento da pesquisa *Trajetórias Escolares e Processos de Escolarização*.

É antiga a atenção da Sociologia da Educação à influência da origem familiar sobre a escolaridade das crianças e jovens. Bem mais recente, é a preocupação em estudar os processos de socialização familiar em suas repercussões sobre as práticas escolares e o desempenho dos filhos. Entretanto, do nosso ponto de vista, o desafio que se coloca hoje, para o estudo das imbricações das práticas familiares sobre a escolarização, está na necessidade de superar tanto a tradição do "empirismo sociológico" ou da "aritmética política" dos grandes *surveys*, da geração Coleman, como os limites do ponto de vista da

⁵ Inspirada especialmente nos trabalhos empíricos de Bourdieu, sobre a constituição das hierarquias sociais (*Les Hérities, Le sens pratique, La distinction, La noblesse d'État, Homo academicus* e *As regras da Arte*) e da sociologia francesa, sobre as relações entre as configurações familiares e os processos de escolarização. Na sociologia francesa cabe destacar: Lahire (1995) Terrail (1990) Charlot (1996) Montandon & Perrenoud (1987) Montandon (1991) Dubet (1995) Sirota (1994). Entre nós, merecem menção os trabalhos que, há vários anos, Nogueira, Zago e Romanelli vêm apresentando no GT Sociologia da Educação da ANPED motivando o nascimento de uma rede de pesquisadores que hoje se dedicam ao tema, entre os quais me incluo.

generalização dos resultados dos enfoques qualitativos. Assim a proposta deste projeto envolve a perspectiva de:

- ⇒ Aliar levantamentos de dados que permitam traçar tipos-ideais de relações famílias/escolas, com base em um perfil sociográfico das práticas sociais e educativas das famílias de suas relações com as escolas e com a escolarização dos filhos e,
- ⇒ Uma análise mais fina dos processos subjacentes a esses perfis e de determinadas questões mais específicas⁶ derivadas da análise dos dados da população estudada.

Em nosso programa de pesquisas - *Sociologia, História e Educação* - temos trabalhado simultaneamente os aspectos micro e macro sociais e nos qualificado para utilizar os recursos metodológicos próprios tanto às abordagens qualitativas como às quantitativas⁷. Contamos ainda com a professora Isabel Lelis e, nossa equipe e manteremos vínculos permanentes com dois projetos de pesquisa desenvolvidos do Departamento de Educação da PUC-Rio: o de Creso Franco (PROAV, que vem trabalhando com o Banco de Dados do SAEB) e o de Tânia Dauster (Sobre usuários de Bibliotecas Universitárias)⁸.

2.1. O contexto do problema da investigação

Dando continuidade à pesquisa - *Trajetórias Escolares e Processos de Socialização Investigando as relações entre famílias de camadas médias e as escolas* - o objetivo desta pesquisa é o aprofundamento da investigação sobre a influência do *background* familiar nos desempenhos escolares. O recorte sobre

⁶ Por exemplo: sobre as práticas e consumos culturais dos pais e filhos; sobre as relações entre a posição do estudante na fratria e o desempenho escolar.

⁷ Neste último ano utilizamos o SPSS e o NUD'ist, *softwares* para o trabalho com estatística e dados qualitativos... respectivamente.

⁸ Creso Franco, de cuja equipe fiz parte no 1º ano do PROAV, vem trabalhando com a equipe do Departamento de Engenharia da PUC-Rio na aplicação de modelagens estatísticas hierárquicas para a análise dos dados do SAEB (as mais adequadas ao tratamento das estatísticas educacionais). Tânia Dauster vem há mais de uma década orientando e desenvolvendo pesquisas em educação na perspectiva da antropologia.

as famílias de pais-professores-universitários teve como principal motivação estudar essa problemática a partir de setores da população que, em princípio, são dotados de alto capital cultural e escolar e, portanto, teriam condições privilegiadas de acompanhamento do processo de escolaridade dos filhos.

Em um momento em que o a disseminação da cultura da avaliação vem estimulando a maioria dos países a desenvolver estratégias nacionais de avaliação dos sistemas escolares, a pesquisa sobre o impacto dos consumos e práticas sociais familiares sobre o rendimento escolar de seus filhos poderá fornecer importantes subsídios para a interpretação do "sucesso" ou "fracasso" de determinadas escolas e, até mesmo, reavaliar os *rankings* que hierarquizam as escolas com base no desempenho médio de seus estudantes. O desenvolvimento de modelagens estatísticas adequadas ao caráter estratificado da distribuição dos estudantes pelas escolas, bairros e ramos de ensino, significou um passo importantíssimo na possibilidade de uma análise mais acurada das relações entre os processos de socialização familiar e os processos de escolarização; essas modelagens ofereceram ainda um instrumento importante para o avanço na perspectiva de mensuração do *valor efetivamente agregado*⁹ pelas unidades escolares (Thomas: 1997).

Essa pesquisa insere-se em um diálogo multidisciplinar com pesquisas em educação de diferentes perspectivas (sociologia da educação, políticas públicas e educação, modelagens estatísticas de dados demográficos e educacionais...) tentando articular conhecimentos de várias ordens (instrumentais, empíricos, teóricos) para enfrentar um dos principais desafios da pesquisa educacional na

⁹ Por valor agregado entende-se os resultados escolares que podem ser atribuídos exclusivamente à ação das escolas, descontadas as interferências do *background* familiar. Do ponto de vista empírico, apesar dos avanços das modelagens estatísticas, o maior impasse tem sido a definição de *patamar* de mensuração que, hipoteticamente, garantiria o ponto a partir do qual a ação escolar agiria sem influência daquele *background* (Thomas: 1997). Em que pese à impossibilidade, do ponto de vista sociológico, de se definir aquele "patamar", o levantamento do problema do "valor agregado" pelas escolas, por si só, já é uma importante motivação ao aprofundamento do conhecimento sobre as relações entre os processos de socialização e os desempenhos escolares.

atualidade: criar instrumentos e desenvolver perspectivas analíticas que permitam aprofundar o conhecimento dos mecanismos de produção e reprodução cultural através da escola. Ou dito de outra forma: colaborar para a interpretação mais criteriosa do papel das escolas e das famílias na produção do sucesso e fracasso escolares.

A constituição, no Programa de Pós Graduação em Educação da PUC-Rio, de um grupo de pesquisa e a orientação de teses e dissertações, cada vez mais inseridas ao projeto coletivo de pesquisa, tem-nos permitido mapear, em relativamente pouco tempo, uma interessante variedade de processos de socialização familiares e escolares. Essas investigações vêm indicando a necessidade de aprofundar a análise do impacto sobre esses processos das redes sociais que são construídas e modificadas na circulação dos estudantes e suas famílias pelos diferentes campos sociais¹⁰ delineando volumes e estruturas de capitais mais (ou menos) favoráveis aos contextos de escolarização (currículos, escolas, gerações escolares) em que se encontram os estudantes.

Fica assim cada vez mais clara a impropriedade das visões homogeneizadoras sobre as condições de escolaridade das diferentes camadas sociais. A escolha das escolas, as práticas pedagógico-familiares, os processos de aproximação e distanciamento das equipes escolares, as redes de amizade e o desempenho escolar fazem parte de um conjunto de práticas e disposições que precisam ser empiricamente reconstruídas para uma acurada interpretação sociológica dos processos de escolarização.

Nesse ano e meio de trabalho coletivo de pesquisa sobre o tema foram desenvolvidas três dissertações de mestrado e uma tese de doutorado. As três primeiras versaram sobre as relações entre famílias de camadas médias com a escolaridade dos filhos. Trabalharam basicamente com entrevistas e, as duas primeiras tiveram um caráter exploratório. Uma estudou as famílias de uma

¹⁰ Esportivo, religioso, político, artístico, científico...

turma de 4ª série do Ensino Fundamental de uma pequena escola da zona sul do município do Rio de Janeiro que tornou-se conhecida por acolher jovens/crianças de baixo desempenho escolar nas "escolas tradicionais". A outra dissertação estudou o mesmo problema em famílias provenientes de duas escolas da Barra da Tijuca (zona oeste do mesmo município) que representariam as camadas sociais "emergentes" (grupos de ascensão social recente, em decorrência do sucesso em empreendimentos econômicos familiares). A terceira que estudou as relações de estudantes de 2º grau técnico com a escola e, a influência dos pais na escolha e no sentido simbólico de "distinção" que estar nesta escola - um conceituado colégio de aplicação de uma Universidade Federal - adquiriu para aqueles jovens.

A pesquisa de doutorado focalizou o processo de construção do *sucesso escolar*¹¹ por moradores de uma grande favela do município do Rio de Janeiro. Essa investigação, utilizando-se também de estratégias qualitativas de pesquisa, procurou reconstruir as trajetórias escolares dos entrevistados em sua imbricação com as redes sociais que viabilizaram essas "trajetórias improváveis" do ponto de vista das expectativas sociais.

Essas pesquisas ofereceram um material valioso para os debates teórico-metodológicos da equipe e reforçaram a convicção do grupo sobre a necessidade de articulação das abordagens qualitativas/quantitativas, macro/ micro sociais. Isto levou-nos a reconsiderar o recorte inicialmente previsto para *Trajetoórias Escolares e Processos de Socialização* pelas seguintes razões:

➔ Permitiram experimentar o processo de transformação das hipóteses teóricas em hipóteses teórico-empíricas como exigência de construção de um objeto de pesquisa; este trabalho levou-nos a privilegiar uma população que

¹¹ Entendido aqui como *acesso e finalização do curso superior* seguido de engajamento no mercado de trabalho em ocupações condizentes com a qualificação universitária.

oferecesse condições mais propícias ao estudo das relações entre os *habitus* familiares e os *habitus* escolares¹².

- ➔ O processo de reformulação das hipóteses iniciais, próprio à construção do objeto de pesquisa, levou-nos a aguçar o olhar sobre os problemas de investigação decorrentes da limitação dos casos estudados pelas pesquisas qualitativas¹³ e, dos limites dos levantamentos tipo *survey* para o estudo de processos de socialização familiar e escolar;
- ➔ O processo de elaboração de um questionário, na perspectiva do novo recorte, propiciou uma valiosa oportunidade de avaliar, empiricamente, os limites e as possibilidades das duas abordagens; o pré-teste do questionário auto-aplicável e a tabulação dos primeiros resultados (cerca de 30% dos questionários) por sua vez, permitiram vivenciar um sem número de pequenos detalhes - redação precisa, disposição gráfica das questões, acompanhamento do fluxo do processo de envio e coleta dos questionários, definição clara do por que uma questão está sendo formulada etc. - que interligam a pesquisa com tarefas e ações tidas como menos importantes em pesquisas do tipo *surveys*¹⁴.
- ➔ Por último, estimulou uma reflexão conjunta sobre o sentido relacional e, portanto, necessariamente reconstruído das abordagens macro e micro-sociais e a necessidade de relativizar os "pares metodológicos" macro/quantitativo e micro/qualitativo.

Optamos assim por combinar o levantamento e análise de dados mais gerais da população investigada, com um estudo mais aprofundado dos processos,

¹² No caso, condições essas obtidas pela maior homogeneização da população investigada: definida a partir de um grupo profissional com elevada escolarização e de uma única instituição.

¹³ As estratégias de coleta do material empírico pelas pesquisas qualitativas - "bola de neve" para localizar os sujeitos da pesquisa e definição do "ponto de saturação" das informações pertinentes - freqüentemente são abreviadas pela necessidade de produzir relatórios e finalizar a pesquisa.

¹⁴ ...o termo *survey* tem sido usado com o sentido implícito de "survey por amostragem", por oposição ao estudo de todos os componentes de uma população ou grupo. Tipicamente, métodos de *survey* são usados para se estudar um segmento ou parcela de uma população, para fazer estimativas sobre a natureza da população total da qual a amostra foi selecionada. Babbie, E. (1999: p.113)

através de estratégias qualitativas de coleta de dados. Tais decisões implicaram em um processo de qualificação dos grupos para o trabalho do tipo survey, na construção de um questionário específico para o problema investigado e na preparação de membros da equipe para o trabalho com o SPSS.

2.1.1. O desdobramento da pesquisa sobre os processos de escolarização das “camadas médias”

Nossa pesquisa atual (projeto em anexo) se auto-caracterizava como um estudo das relações entre as camadas médias e as escolas. Entretanto, quando analisamos as características da população estudada, do ponto de vista dos diferentes critérios de classificação sócio-econômica com base na escolaridade e posse de bens (Critério Brasil: ABA, ABIPME ou ANEP) pudemos constatar que, em qualquer dos critérios, são famílias situadas na **Classe A**, entre o limite inferior da fração mais alta da população brasileira **A1** (representando 1% da população brasileira) e o limite superior da faixa **A2** (4% da mesma população). A concentração de renda e o empobrecimento da população tem levado a determinados grupos sócio-profissionais - como os dos professores universitários - a se representarem entre as camadas médias “altas”, o que efetivamente não procede, do ponto de vista estatístico, como ficou explicitado a partir da sociografia desenvolvida com base nos dados levantados pelo questionário em comparação com o perfil da população brasileira.

- ♦ Em termos de instrução familiar há um predomínio da formação de nível superior nas famílias investigadas; mais da metade dos avôs e avós paternos e maternos tiveram escolaridade deste nível. Apesar da maioria das avós ter formação em nível secundário, encontramos cerca de 32% delas com nível superior evidenciando um capital cultural/escolar familiar que se acumula e amplia de geração em geração, pois todos os professores da população estudada têm pós-graduação. Entretanto, encontramos na população estudada

diferenças de níveis de escolaridade a favor dos homens quando comparados com as mulheres.

- ♦ Ficou evidente o peso da origem institucional na seleção dos docentes (a maioria é ex-aluno da Universidade em que leciona) e a preferência pelas escolas particulares para a escolarização dos filhos, à semelhança do que ocorreu com eles (a grande maioria dos professores investigados estudou em escolas particulares). Entretanto, encontramos uma grande dispersão entre as escolas onde matriculam os filhos: a maioria delas não faz parte dos *rankings* dos vestibulares para as instituições de maior prestígio no Rio de Janeiro. O que estará significando essa dispersão? Auto-confiança nos *habitus* do *mundo nata*? Relativização do papel da escola em relação ao futuro dos filhos? Expectativas de ocupações alternativas (artísticas, do mercado informal, novas carreiras...) para os filhos?
- ♦ A diferenciação interna da população estudada - professores tempo integral x professores horistas¹⁵ - e a comparação com o mesmo segmento profissional no Brasil permite observar uma estratificação da carreira (não só regionalmente, mas, no interior do próprio município do Rio de Janeiro) indicando a existência de um *baixo clero* cuja posição social no campo universitário decorre de uma estrutura e volume de capitais que os colocam em desvantagem na luta concorrencial no campo profissional (Campos Coelho: 1988). A escolha das escolas reproduzirá de alguma forma esta diferenciação? O desdobramento da pesquisa no sentido de ampliar os quadros profissionais dos pais trará novos indicadores de estratificação das elites? De que tipo?

Essas questões nos motivaram a conhecer melhor as características da escolarização das elites. Se no âmbito do grupo profissional dos professores

¹⁵ Professores que não têm vínculo em tempo integral com as instituições universitárias e são profissionais itinerantes atingindo muitas vezes 40 ou mais horas de aula por semana.

universitários se identifica claramente o *alto* e o *baixo clero*, como indicamos acima, é evidente que outras diferenciações poderão ser encontradas em um recorte que se faça, não pela profissão dos pais, mas, pelo estudo de famílias e estudantes que freqüentem algumas das escolas identificadas como escolas das elites¹⁶.

Ampliando o perfil da população estudada e ingressando no universo das escolas, acreditamos obter condições de interpretar melhor o papel das redes sociais, construídas e modificadas na circulação dos estudantes e de suas famílias pelos diferentes campos sociais, delineando valores e composição de capitais provavelmente mais diferenciados do que os que viemos encontrando e, com possibilidades de refletir-se em maior heterogeneidade no processo de escolarização dos filhos mesmo no seio de uma mesma escola. Encontrará esta hipótese respaldo nos dados obtidos por esse outro recorte? Haverá condições de identificar no perfil das turmas, a partir das quais pretendemos chegar às famílias, diferenças de composição e volume de capitais? Quais serão as representações das escolas sobre as suas clientelas e sobre a sua posição no sistema de ensino? Essas escolas se percebem como formadoras de elites? de que tipos?

2.2. Perspectivas analíticas

Baseados no arcabouço teórico-metodológico derivado principalmente da ampla obra de Pierre Bourdieu e aprofundando na direção indicada por Elias (1994) da constituição de redes sociais, focalizaremos os contextos materiais e simbólicos onde se desenvolvem as práticas sociais – familiares e escolares – que interferem cotidianamente na produção de disposições duráveis para agir, pensar, sentir e valorar de uma determinada maneira no mundo social, ou seja, na

¹⁶ Tomaremos como uma das referências às escolas freqüentadas pelos filhos de nossos informantes.

constituição dos *habitus* e redes de relações dos estudantes que fazem parte das elites econômicas e culturais do município do Rio de Janeiro.

Lelis (1999) levantou a hipótese de que determinadas famílias seriam dotadas de um tipo de capital - o pedagógico - que as tornaria mais aptas ao diálogo com as escolas e, de uma certa maneira, mais críticas em relação às práticas escolares quando avaliadas em sua consonância, ou não, com os projetos pedagógicos explicitados pelas escolas. Dotadas de uma dada competência, estas famílias transitarium no mundo do pedagógico com uma desenvoltura maior por dominarem, parcial ou integralmente, as regras do jogo escolar. Na atual pesquisa já foi possível identificar um comportamento dos pais de acompanhamento permanente do processo de escolarização dos filhos, associado a um aparente distanciamento das equipes didático-pedagógicas das escolas. A praticamente ausência de dificuldades escolares (identificada nos 30% dos questionários já tabulados) pode estar associada tanto à capacidade de escolher as escolas sintonizadas com os valores e interesses da família nesta área, como à percepção do momento em que uma mudança de escola pode significar adequar-se ao ritmo e "estilo" de estudante (filhos) numa ação de caráter preventivo do insucesso. Tais questões instigam-nos ao aprofundamento da atual pesquisa no sentido de incorporar outros segmentos profissionais e avaliar até onde esse "capital pedagógico" estaria associado a um "saber profissional", a um maior capital cultural e escolar ou simplesmente a um capital "informacional"¹⁷.

2.3. Um tema "tabu": a escolarização das elites

Com excessiva frequência, vêm-se nas análises marxistas os intelectuais como meros executantes dos mandatos das Instituições (quando não das classes) que os empregam, perdendo-se de vista sua peculiar função de produtores, enquanto consciências que elaboram mensagens, e,

¹⁷ No sentido expresso pela citação da *Veja* ao início deste projeto, de pessoas dotadas de capacidade de agregar constantemente informações que as colocam na posição de acesso e atualização permanente dos conhecimentos que permitem que se posicionam com vantagem no "jogo social" (dotadas de *sens de jeu*) Cf. Bourdeu:1979.

sobretudo, sua especificidade como desenhistas de modelos culturais, destinados à constituição de ideologias públicas. Creio indispensável manejar uma relação mais fluida e complexa entre as instituições ou classes e os grupos intelectuais (Angel Rama: 1984, p.47).

A pesquisa em educação entre nós tem acumulado um razoável acervo de estudos e reflexões sobre a escolarização das camadas populares e sobre as práticas pedagógicas nas escolas públicas. A escolarização das elites, entretanto, permanece pouco estudada e, aparentemente, tema de investigação "politicamente incorreto".

No início da década de 80 desenvolvemos o primeiro "estado da arte" sobre evasão e repetência no Brasil (Brandão e outros: 1983). Apesar de não ter sido um estado da arte *stricto sensu*, a pesquisa foi amplamente divulgada e citada, sobretudo por ter, com base em um balanço crítico da literatura, apontado uma certa circularidade nas pesquisas sobre o fracasso escolar e a necessidade de investir em alguns recortes que possibilitassem o avanço do conhecimento sobre a questão (idem: p.92). A maioria dos recortes sugeridos naquele estudo foram trabalhados por pesquisas nestas duas últimas décadas; entretanto um deles - *o que dá certo em termos de prática pedagógica (dentro e fora do sistema regular do ensino)* - só recebeu atenção, com pouquíssimas exceções, quando relacionado com o sistema público de ensino ou a estratégias de escolarização para/das camadas populares. Esta retração temática, no que se refere à educação/escolarização das elites, pode ser compreendida à luz de pelo menos três fatores:

- Legítimo interesse em produzir conhecimentos sobre as condições de escolarização e educação das camadas populares;
- A dificuldade de acesso de pesquisadores às escolas particulares (Brandão: 1985) e,

- O sectarismo com que uma boa parte da *intelligentsia* no campo da educação encara o interesse pela educação das elites.

O interesse na investigação da escolarização das elites, entretanto, apresentou-se como um desdobramento de minha experiência de pesquisa. Por mais de duas décadas, os desafios à escola pública, a adequação da formação de professores às necessidades da clientela do Sistema Público do Ensino, as condições de escolarização das camadas populares foram alguns dos temas que motivaram as pesquisas e reflexões que partilhei com inúmeros colegas e estudantes do campo da educação. Entretanto, o sucesso escolar dos setores superiores das camadas médias e das elites (econômicas e culturais) só recentemente tem despertado a atenção de alguns pesquisadores¹⁸ que vêm se reunindo anualmente, no GT Sociologia da Educação da ANPED, em torno da temática mais geral das relações famílias e escolas. O contato com esses pesquisadores e outros, que vêm se dedicando ao recorte das relações entre as famílias e as escolas¹⁹, tem sido um importante incentivo ao trabalho de pesquisa que estamos desenvolvendo na PUC-Rio.

Além da própria obra de Bourdieu vir demonstrando a fertilidade do estudo das elites, do ponto de vista da sociologia da educação, os resultados já obtidos com as dissertações e teses desenvolvidas pelos pós-graduandos envolvidos na pesquisa, assim como com as primeiras tabulações do questionário estimularam-me a investir no conhecimento dos processos e estratégias de escolarização das elites. Pesquisar os investimentos escolares destes segmentos na educação/escolarização dos filhos associando-os aos perfis diferenciais das famílias - configurações familiares e profissionais, padrões de consumo, práticas sociais... - além de permitir ampliar o pouco que se estudou sobre a questão entre

¹⁸ Entre os quais cabe destacar Maria Alice Nogueira (UFMG) e Geraldo Romanelli (USP/Ribeirão Preto).

¹⁹ Entre os quais cabe destacar Nadir Zago (UF/Santa Catarina), Maria José Braga Viana (FUNREI) e Écio Antônio Portes (FUNREI).

nós, oferecerá valiosos subsídios à compreensão dos limites e possibilidades das escolas e reformas educacionais na democratização do ensino.

Na sociologia da educação o tema foi abordado por Fernando de Azevedo, que fazia uma distinção entre elites e classes sociais no objetivo de destacar o caráter de "mérito" das elites quando comparadas com as classes sociais que teriam a estratificação fundamentada na divisão do trabalho²⁰. O Coleman Report, pouco depois da época em que ele escreveu o *Sociologia Educacional*, viria questionar radicalmente a suposição do autor brasileiro.

Os debates sobre a democratização do ensino e o desenvolvimento da pesquisa em educação, a partir dos anos 60, foram fundamentais para romper com a visão de corte liberal que dominou o tema entre os educadores até então. As pesquisas empíricas sobre a escolarização no Brasil e, muito especialmente sobre a educação das camadas populares viriam abalar a "ilusão liberal" de que a escola democrática pudesse operar entre os privilégios de classe e o mérito individual. Entretanto, do meu ponto de vista, a consciência de que os privilégios de classe funcionam como uma espécie de capital hereditário que garante uma rentabilidade maior às práticas pedagógicas escolares não deveria significar que a escolarização das elites não seja "um problema" digno de atenção da pesquisa em educação, como querem alguns respeitadores pesquisadores da área²¹. Rejeitar o estudo das elites, sob o argumento de que *elas não têm problemas de escolaridade*, é uma posição tão obscurantista quanto o fatalismo com que foi (e ainda é) encarado o fracasso escolar das camadas populares. É ignorar ainda um dos mais retomados autores marxistas pelo campo da educação, Antônio Gramsci,

²⁰ *Classe e elite são duas categorias sociais distintas: enquanto uma "classe" implica diferenças de graduação ou de nível, ligadas por costumes, condições de vida, fortuna ou profissões (...) a elite é uma minoria que, constituída de individualidades merecedoras por si mesmas, não se defende por nenhuma barreira nem sofre nenhum nível. Ela é uma "seleção" e, como se apóia sobre o mérito pessoal, vale pela "soma" e "qualidade" dos indivíduos que entram na sua constituição seja qual for o meio ou a classe de que provieram.* (Fernando de Azevedo: 1964, p. 198/9).

²¹ Quando elaborava este projeto, comentando o tema de meu interesse com uma colega da área obtive exatamente esta observação: *a educação das elites não é um problema, elas sempre tiveram com educar seus filhos...*

que reavaliou o papel dos intelectuais nas lutas sociais aproximando-se da noção de circulação das elites (Pareto) além de desconhecer, no caso brasileiro, o papel desempenhado por elites de várias extrações (políticas, artísticas, religiosas, acadêmicas...) na luta contra os regimes autoritários e a exploração social das camadas populares. Em que pese essas considerações, não tenho dúvidas de que este ainda é um tema *tabu* no campo da pesquisa em educação.

As elites têm sido tema, sobretudo das Ciências Políticas: para Pareto (1935) elas são constituídas de *pessoas que ocupam as mais altas posições no seu ramo de atividade e na sociedade*; seriam compostas de um estrato inferior - a não elite - e um estrato superior - a elite - dividida esta última em elite governante e não governante. A complexificação da idéia das elites, admitindo diferenciações que vão da posse de bens materiais a atributos simbólicos, numa infinidade de combinações, levaram ao reconhecimento hoje do seu caráter plural próprio ao recorte sociológico com que operamos. Nosso interesse está voltado para a análise da sua diferenciação interna e, para a caracterização das redes sociais através das quais os processos de socialização familiar e escolar irão representar valores e práticas sociais bastante distintas. Assim, do mesmo modo com as exigências do trabalho empírico foram implicando em uma relativização da homogeneidade com que se trabalhava com o conceito de classes sociais e, estimulando a utilização de recortes em frações de classes, assim como a utilização de conceitos mais flexíveis - como por exemplo, o de camadas sociais - pensamos em trabalhar com o conceito de frações de elite, resultantes de combinações heterogêneas de capitais e *habitus*.

Os resultados preliminares da pesquisa em andamento reforçam a convicção da pertinência deste projeto com vistas à compreensão dos princípios de divisão e conhecimento dos valores, representações e orientações que estimulam as práticas sociais e viabilizam a construção de identidades próprias e diferenciadas entre as frações das elites. Estas questões deverão ser

retrabalhadas na fase inicial desta pesquisa com base na ampliação e estudo da bibliografia nacional e internacional sobre o tema.

2.4. Estratégias de pesquisa²².

A obra de Bourdieu, como assinalamos anteriormente, continua sendo a referência principal para a construção deste objeto de pesquisa. Dentro dela continuam centrais os princípios que norteavam a pesquisa que deu origem a *La Distinction*; especial relevo adquirem os trabalhos do autor dedicados especificamente ao estudo da escolarização das elites: *L'Homme Academique* e *La Noblesse d'État*.

A *Sociedade dos Indivíduos* de Elias tornou-se referência fundamental para orientar o aprofundamento da pesquisa na direção dos campos sociais e, muito especialmente, na inspiração de novas hipóteses teórico-empíricas sobre os processos de transformação e conversão dos *habitus* familiares em *habitus* escolares. Esta tem sido uma das questões mais desafiantes que enfrentamos até o momento, no estudo das relações entre famílias e escolas. A perspectiva de irreducibilidade tanto do individual ao social, como do social ao individual, assim como o processo de circulação dos agentes em uma complexa rede social de interações (tão bem trabalhada por Elias naquele texto seminal de 1937) coloca-se no cerne mesmo do problema da constituição e transformação dos *habitus*.

É nossa hipótese que a ampliação da estrutura e do volume do capital decorrente da circulação das elites pelos campos sociais, muito provavelmente, se refletirá nas estratégias de escolarização/educação da prole indicando, condições acrescidas de conversão de capitais que estariam expressas na capacidade de criar estratégias de prevenção do fracasso escolar da prole, já identificada pela atual pesquisa.

²² Em anexo, está o projeto de pesquisa anterior em que se encontram as referências à literatura de fundo teórico que fundamenta igualmente este projeto.

Haveriam estruturas de capital mais favoráveis, do que outras, à produção de estratégias escolares otimizadoras do desempenho? Como se portam as elites com um volume de capital econômico muito superior ao escolar e/ou cultural (*status* incongruente)? Elas se concentram em determinadas escolas? Preferem as mesmas escolas freqüentadas pelas elites acadêmicas? Artísticas? Será possível traçar um perfil diferencial das escolas (sejam "tradicionais" ou "alternativas"²³) a partir do tipo de clientela que as freqüenta? Caso seja possível, as práticas pedagógico-escolares são muito diferentes entre elas?

Com base no material de que dispomos, já temos algumas pistas sobre o tipo de escolas onde será mais provável encontrar uma variedade de "quadros" de elite: as escolas bilíngües. As entrevistas que desenvolvemos com alguns professores indicaram a heterogeneidade como uma das características da clientela daquelas escolas. Nosso plano preliminar de delimitação do campo e de estratégias de coleta do material empírico é o seguinte:

- Levantar as escolas freqüentadas pelos filhos de professor universitários; encaminhar a elas uma carta explicando o objetivo da pesquisa e convidando-as a colaborar com a investigação que se comprometerá a manter o anonimato dos informantes e das escolas²⁴; deveremos avaliar com mais cuidado se enviaremos simultaneamente o questionário de caracterização das escolas e clientelas;
- Elaboração de um questionário semi-aberto, para ser respondido pela direção das escolas ou equipe pedagógica, com o objetivo de coletar material sobre a história da escola, uma descrição da representação que fazem dos alunos e suas famílias, uma caracterização da clientela do ponto de vista sócio-

²³ Os termos *aspeados* já têm um sentido incorporado pela literatura especializada, indicando escolas que adquiriram "tradição" com base nas representações sociais de que são exigentes, rigorosas e seletivas intelectualmente e, "alternativas" que representariam formas mais interativas e afetivas ou, ainda, "mais modernas" de lidar com a escolaridade dos estudantes.

²⁴ Temos consciência das dificuldades que enfrentaremos para ter acesso às escolas e através delas às famílias dos alunos e às equipes didático-pedagógicas. Romanelli (1986) em sua pesquisa de doutoramento registrou essas dificuldades e as alternativas adotadas.

demográfico e pedagógico, as características do corpo docente (formação, tempo de trabalho na escola, horas/semanais de trabalho e funções desempenhadas...) e do projeto pedagógico.

- ➔ Selecionar duas ou três das escolas que se mostrarem dispostas a colaborar para servir de base para a coleta de material empírico sobre as famílias e suas práticas sociais de escolarização/educação dos filhos; nossa hipótese de trabalho é conseguir através da escola uma forma de acesso aos pais dos estudantes de uma determinada série do 1º grau (a ser definida em equipe) com o objetivo de remeter o questionário já desenvolvido para a atual pesquisa, solicitando a colaboração das famílias no preenchimento e devolução dos mesmos. A distribuição dos questionários já se fará com envelopes selados para a devolução à equipe de pesquisa.
- ➔ Se a estratégia de mediação das escolas falhar, tentaremos ter acesso aos informantes pela via das indicações em cadeia a partir de determinados pais conhecidos (por exemplo, professores que já participaram da pesquisa); essa estratégia, embora mais trabalhosa e, menos eficiente em termos de cobertura de uma população a ser investigada, já se demonstrou viável e foi empregada por outros pesquisadores, alternativamente ou não; é óbvio que a definição da estratégia a adotar terá desdobramentos sobre as etapas seguintes.
- ➔ Digitação e análise dos dados; comparação com os dados obtidos pela pesquisa anterior e definição de critérios para seleção de famílias para entrevistas que permitam levantar hipótese sobre os processos de constituição, transformação e conversão dos *habitus* familiares em *habitus* escolares.

Entre as questões, que estarão orientando a construção do objeto desta pesquisa, estão as formuladas pelo projeto anterior.

2.5. Esboço de cronograma

Esta previsão da seqüência das atividades, que pode parecer muito apertada, está respaldada no fato de que este projeto é uma continuidade do anterior e, conta com uma equipe nuclear de pós-graduandos que já vem trabalhando com as estratégias e instrumentos previstos no programa de pesquisa que coordeno atualmente. Outrossim, a consolidação de um banco de dados a partir da aplicação dos questionários e, a definição das variáveis analíticas para a análise dos resultados (uma das etapas mais trabalhosas e demoradas do processo de pesquisas tipo *survey*) também é fator otimizador do tempo de desenvolvimento deste projeto.

1º semestre: revisão bibliográfica específica sobre as elites e sua educação/escolarização; desenvolvimento da primeira versão do material a ser utilizado nos primeiros contatos com as escolas identificadas na pesquisa anterior (carta aos diretores e questionário para a escola);

2º semestre: pré-teste do questionário das escolas e encaminhamento à avaliação por especialistas; reformulações e encaminhamento às escolas; definição das estratégias de acesso às famílias após os primeiros contatos com as escolas;

3º semestre: início da análise dos dados obtidos na fase anterior (dados das escolas); começo da segunda fase do trabalho de campo: encaminhamento dos questionários para as famílias selecionadas e desenvolvimento de entrevistas complementares;

4º semestre: digitação e análise dos dados coletados na segunda fase (utilizaremos o mesmo questionário e o mesmo desenho analítico para a digitação utilizado pela pesquisa anterior); redação do relatório final.

BIBLIOGRAFIA:

ALEXANDER, J. C., GIESEN, B., MUNCH, R., SMELSER, N. (1987) (editors) *The Micro-Macro Link*. Berkeley/London: University of California Press Ltda.

BARBOSA, M. L. O. A Sociologia das Profissões: em Torno da Legitimidade de um Objeto. In: *Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais*. n. 36. São Paulo: Relume-Dumará/ANPOCS, 1993.

BOURDIEU, P. *La Distinction*. Paris: Minuit, 1979.

BOURDIEU, P. *Le Sens Pratique*. Paris: Minuit, 1980.

BOURDIEU, P. *Homo Academicus*. Paris: Minuit, 1984.

BOURDIEU, P. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Difel, 1989a.

BOURDIEU, P. *La Noblesse d'État*. Paris: Minuit, 1989b.

BOURDIEU, P. *Coisas Ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

BOURDIEU, P. *Razões Práticas*. Campinas: Papirus, 1996^a.

BOURDIEU, P. *As Regras da Arte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996b.

BOURDIEU, P. (sous la direction de). *La Misère du Monde*. Paris: Seuil, 1993.

BOURDIEU, P. Boltanski, L., Saint-Martin, M. As estratégias de reconversão. In: DURAND, J. C. Garcia, *Educação e Hegemonia de Classe*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979a.

BRAGA VIANA, M. J. *Longevidade Escolar em Famílias de Camadas Populares: algumas condições de possibilidade*. Tese de Doutorado. Belo Horizonte: Faculdade de Educação da UFMG, 1998.

BRANDÃO, Z. *Democratização de Ensino, Meta ou Mito?*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

BRANDÃO, Z. Qualidade de Ensino: característica adscrita às escolas particulares? In: CUNHA, L. A. (coordenador) *Escola Pública, Escola Particular e a democratização do ensino*. São Paulo: Cortez Editora e Autores Associados, 1986.

BRANDÃO, Z. A Teoria como Hipótese, In: *Teoria e Educação*. 1992b, p.161-169.

BRANDÃO, Z. *A escola em questão: evasão e repetência no Brasil*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1996a.

BRESSOUX, P. Les recherches sur les effets-écoles e les effets -maîtres. Note de Synthèse. In: *Revue Française de Sociologie*, n. 108, juillet/septembre 1994, p. 91-137.

CAMPOS COELHO, E. *A Sinecura Acadêmica: a ética universitária em questão*. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1988.

CHARLES, C. *La Republique des Universitaires 1870-1940*. Paris: Seuil, 1994.

CHARLOT, B. Relação com o saber e com a escola entre estudantes de periferia, In: *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo: FCC, nº 97, maio, 1996, p. 47-63.

COELHO DA ROCHA, A. D. Contribuição das revisões de pesquisas internacionais ao tema evasão e repetência no 1º grau, In: *Cadernos de Pesquisa*.(45) maio, 1983, p. 57-65.

CUNHA, L. A. *Educação e sociedade no Brasil*. In: ANPOCS/BIB. O que se deve ler em Ciências Sociais no Brasil. São Paulo: Cortez Editora, 1987.

CUNHA, L.A. *Escola Pública, Escola Particular e Democratização do Ensino*. São Paulo: Cortez, FALTA O ANO.

DUBET, C. *La Socialisation. Construction des identités sociales & professionnelles*. Paris: Armand Colin, 1995.

ELIAS, N. *A Sociedade dos Indivíduos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

FRAISSE, E. *Les étudiants et la lecture*. Paris: PUF, 1993.

HOSIE, P. Some theoretical and methodological issues to consider when using interviews for naturalistic research, In: *Australian Journal of Education*, 1986, vol. 30, n.º 2, p.200-211.

LAHIRE, B. *Tableaux de Familles*. Paris: Gallimard/Seuil, 1995.

LASCH, Christopher. *A rebelião das Elites e a Traição da Democracia*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1995.

MAYER, N. Analyse critique de La misère du monde. In: *Révue Française de Sociologie*, XXXVI, 1995, p.335-370.

MONTANDON, C. *L'école dans la vie des familles*, Genève: Service de la Recherche Sociologique, Cahier, 1991, n.º 32.

MONTANDON, C.; PERRENOUD, P. *Entre parents et enseignants: un dialogue possible?*, Berne: Peter Lang, 1987.

NOGUEIRA, M. A. Elementos para uma discussão da relação classes médias/escola. In: *Sociologia da Educação*, ANPED/GT Sociologia da Educação, Porto Alegre: 1994, p. 131-145.

NOGUEIRA, M. A. Trajetórias escolares, estratégias culturais e classes sociais. Notas com vistas à construção de um objeto de pesquisa, In: *Teoria & Educação*, 3, 1991, p. 89-112.

PORTES, E. A. *Trajetórias e Estratégias Escolares do Universitário das Camadas Populares. Dissertação de Mestrado*. Belo Horizonte: Faculdade de Educação da UFMG, 1993.

POUPART, J. Discours et débats autour de la scientificité des entretiens en recherche, In: *Sociologies et sociétés*, 1993, vol. XXV, n. °2, p. 93-110.

RAMA, Angel. *A Cidade das Letras*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

ROMANELLI, G. Famílias de Camadas Médias: a trajetória da modernidade. *Tese de doutoramento*. São Paulo: Departamento de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da USP, 1986.

ROMANELLI, G. O significado da escolarização superior para duas gerações de famílias das camadas médias, In: *Sociologia da Educação*, ANPED/GT Sociologia da Educação, Porto Alegre: 1994, p. 43-64.

SNYDERS, G. *École, Classe et Lutte des Classes*. Paris: PUF, 1976.

TERRAIL, J-P. *La Dynamique des Générations*. Paris: L' Harmattan, 1995.

THOMAS, S. Value added approaches for school self-evaluation in the United Kingdom. In: *Seminário Internacional de Avaliação Educacional. Anais*. Rio de Janeiro: UNESCO/MEC, 1997.

WAIZBORT, L. (org.). *Dossiê Norbet Elias*. São Paulo: EDUSP, 1999.

ZAGO, N. Relação escola-família: elementos de reflexão para um objeto de estudo em construção, In: *Sociologia da Educação*, ANPED/GT Sociologia da Educação, Porto Alegre: 1994, p. 146-156.

3. RELATÓRIO TÉCNICO

3.1. Situando o tema

O tema da produção da qualidade do ensino vem ganhando relevância no cenário acadêmico especialmente em função dos processos governamentais de avaliação, os quais têm revelado a imprescindibilidade do aporte sociológico na compreensão da dinâmica envolvida.

Os dados do SAEB apontados no relatório nacional 2001, no tocante à eficácia e equidade no sistema educacional brasileiro, destacam:

As conjugações de condições pedagógicas favoráveis expressam pela existência de recursos pedagógicos e financeiros da escola, aliada ao comprometimento dos professores com os resultados dos alunos, está associada a melhores desempenhos. Além disso, deve-se ressaltar que a importância da família na vida escolar dos filhos e a abertura da escola ao diálogo com a comunidade são também aspectos a serem considerados (SAEB: 2002, p. 167).

A conclusão daquele órgão governamental no tocante aos efeitos do nível socioeconômico sobre o desempenho dos alunos é de que três grandes estruturas sociais influenciam o desempenho cognitivo de um aluno: sua condição socioeconômica, sua família e a escola freqüentada. O nível socioeconômico apresenta-se como fator que mais explicaria a heterogeneidade dos resultados escolares: pode ajudar ou dificultar o aprendizado do aluno, além de afetar diretamente o funcionamento e a organização das escolas e das salas de aula.

Considera que a

família compreende o espaço da criação de estratégias educativas que impulsionam o aluno, seja através da transmissão do capital cultural, seja pelo fomento aos hábitos de estudo através do estímulo e da manutenção de expectativas educacionais. Já a escola é o local de desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem (Ibidem: 2001, p. 184).

O impacto da origem socioeconômica da família e do nível socioeconômico médio da clientela da escola freqüentada sobre o desempenho de alunos, que tem sido relatado em inúmeras pesquisas nacionais recentes, (INEP: 1999; Albernaz;

Ferreira; Franco: 2002; Bonamino; Franco; Fernandes: 2002), Entretanto, o resultado de modelagens sobre aqueles dados tem mostrado que o *efeito agrupamento* (grupo de pares) pode relativizar a força da origem sócio-econômica dos alunos:

Quanto maior o nível socioeconômico (NSE) médio da clientela das escolas, menor o efeito das condições familiares de cada aluno (...) de modo que estudantes de NSE alto têm seus resultados educacionais positivamente influenciados pelo efeito do grupo (Albernaz; Ferreira; Franco: 2002, p. 22).

Estes resultados contribuem para realçar a importância de efetuar estudos de setores privilegiados da população estudantil, em diferentes ambientes escolares, consolidando dados que permitam tematizar a desigualdade social e suas articulações com outros fatores, particularmente, as condições em que acontece a escolarização dos jovens que procedem de famílias em condições de escolher as instituições em que matriculam seus filhos. É nesse horizonte de preocupações que se insere a presente investigação sobre as características e processos escolares (escolares e familiares) que interagem na produção da imagem de qualidade de ensino e da excelência escolar de escolas de prestígio²⁵, por onde transitariam profissionais e famílias com capital cultural mais amplo e com nível socioeconômico elevado. Entre as questões motivadoras estão: como se operaria a produção da qualidade de ensino? De que forma o efeito grupo se manifestaria nesta produção? Nossa hipótese é que, conhecendo as características de escolarização desses grupos sociais - que normal gozam de situações privilegiadas (material e simbolicamente) dentro da sociedade brasileira - reuniremos elementos para aprofundar o conhecimento sobre os processos de produção de qualidade de ensino. Numa perspectiva relacional, essa investigação poderá contribuir também para o conhecimento da articulação dos

²⁵ Assim denominadas e difundidas pela mídia especializada, através de *rankings* educacionais. Foram pesquisados dois colégios: um bilíngüe, outro confessional.

agentes educacionais (famílias, alunos e professores) em outros grupos sociais e até mesmo obter elementos que possam orientar políticas de construção da excelência escolar.

O SOCED nestes mais de cinco anos, de investigações focalizando trajetórias escolares e processos de socialização familiar dos setores da população de mais elevado capital cultural tem encontrado como principal desafio, a discussão teórico-empírica sobre a estrutura interna do capital cultural desses setores no Brasil e, da construção de uma tipologia que contemple os diferentes perfis dos agentes (pais, filhos e professores) nas diferentes instituições que compõem a nossa amostra de escolas.

3.2. Marcos Teóricos empíricos

Dentre outros aspectos, as investigações têm apontado para a pertinência de uma reflexão mais aprofundada sobre os contextos teórico-empíricos do desenvolvimento das pesquisas de Bourdieu (1979; 1989), especialmente sobre o conceito de capital cultural. Tal preocupação reveste-se de ainda maior relevância dada à centralidade desse conceito para a compreensão dos processos de desigualdade material e simbólica que constroem e reconstroem as hierarquias sociais, garantindo a determinados grupos a sua reprodução no ápice dessa escala e, a outros, uma certa mobilidade social acionada pelo acúmulo do capital cultural, entre outros.

As rápidas alterações no campo cultural, especialmente nas últimas décadas, motivaram o levantamento de algumas hipóteses sobre as mudanças na estrutura do capital cultural de algumas frações das elites. García Canclini (2000), Miceli (1972: 2001) e Ortiz (2000) nos forneceram referências fundamentais para a interpretação dessas mudanças, sobretudo entre as elites latino-americanas.

Cabe destacar, entretanto, que nosso entendimento de elites se distancia da teoria clássica (Mosca e Pareto), aproximando-se da perspectiva de Bourdieu. Em "Réponses", em diálogo com Wacquant, Bourdieu explicita seu questionamento do pressuposto da teoria clássica das elites de que o universo social sempre divide-se entre governantes e governados (*rules and ruled*). Para Bourdieu as sociedades avançadas não se apresentam como um cosmo unificado, e sim como um conjunto de campos - entidades diferenciadas e relativamente autônomas - nos quais as estruturas hierárquicas se fazem presentes com os setores dominantes e dominados. As hierarquias, no cerne de cada campo, são constantemente submetidas a pressões em um jogo permanente de ruptura e conservação (Bourdieu: Wacquant, 1995).

Ressaltamos, porém, que o campo simbólico latino-americano apresenta características específicas que têm exigido outras reconsiderações teórico-empíricas. García Canclini (1990), por exemplo, baseado em estudos do sociólogo brasileiro Sergio Miceli, assinala que no Brasil e, em geral, na América Latina, não se pode falar de uma estrutura de classe unificada - e, muito menos, de uma classe hegemônica, um equivalente local da burguesia dos estudos franceses - em condições de impor ao sistema inteiro sua própria matriz de significações. O modo de produção capitalista na América Latina foi marcado por diversos tipos de produção econômica e simbólica, resultado da permanente tensão entre a tradição patrimonialista e o impulso modernizador. O resultado é um campo simbólico fragmentado, fortemente marcado por uma heterogeneidade cultural, decorrente, sobretudo da hibridização das culturas. Sociedades multi-étnicas como a brasileira, as meso-americanas e as andinas cruzam as mais diversas influências culturais e materiais produzindo um compósito simbólico e econômico de características bastante diferentes daquelas encontradas nos países capitalistas centrais. Mesmo quando a modernização econômica, a escolarização de setores cada vez mais amplos das sociedades e o desenvolvimento e

disseminação acelerada dos meios de comunicação procuram promover uma certa homogeneização, coexistem capitais culturais diversos: indígenas, coloniais ibéricos e africanos, além das modalidades contemporâneas do desenvolvimento capitalista. Essa tendência a heteronomia impôs importantes resistências à unificação dos padrões culturais.

No campo dos estudos e pesquisas sociológicas na educação, a questão da relação entre famílias e escolas nas camadas médias e altas tem sido, via de regra, abordada de dois pontos de partida: o primeiro busca dados junto às famílias e o outro focaliza as escolas freqüentadas. O presente estudo toma o espaço escolar como campo estratégico para a coleta de informações, ou seja, parte-se *das escolas para as famílias*. Considerando as particularidades do campo latino-americano no que se refere a sociogênese do capital cultural destes estratos sociais e o *'horizonte de possíveis'* que praticamente condiciona a configuração do universo no qual ocorre a escolha das escolas dos filhos destes grupos sociais²⁶, desenvolvemos nossa investigação em escolas de prestígio da cidade do Rio de Janeiro, tomando como ponto de partida, duas escolas situadas no ápice do *ranking* das melhores escolas da cidade - divulgado anualmente na imprensa com base nos resultados dos alunos provenientes das diferentes escolas da cidade no vestibular da UFRJ²⁷ -: uma confessional e outra bilíngüe, ambas situadas em um mesmo bairro da Zona Sul, área residencial de camadas

²⁶ "A acelerada expansão deste mercado nas três últimas décadas do século passado - também observada entre nós e discutida anteriormente - reformulou este mercado e incrementou sua competitividade, particularmente a partir dos resultados obtidos em termos das chances de ingresso no ensino superior, num processo ao qual não é imune nem o serviço educacional prestado, nem a relação entre as famílias e as escolas (Connel et alii, 1995; Ball, 1998; entre outros) ... Pode-se aqui levantar como hipótese que este mercado escolar funciona como um 'campo' ou espaço social estruturado diferencialmente de forma relativamente autônoma. Nesse espaço concorrem as diferentes instituições escolares e seus capitais objetivados em tradições de prestação de serviços às elites, propostas pedagógicas, estilos didáticos, infraestrutura, equipes docentes, ou ainda no posicionamento nos 'rankings' do acesso aos cursos superiores de maior prestígio." (Paes de Carvalho, 2004: FALTA PÁGINA).

²⁷ O vestibular para a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), é considerado como referência para a classificação das diferentes escolas públicas e privadas da cidade por ser um dos mais disputados em praticamente todas as áreas pelo prestígio acadêmico da instituição.

médias e altas²⁸. Nosso interesse principal foi focalizar as características de escolarização desses jovens, o perfil e as práticas sociais das famílias que procuram essas escolas; assim como relacionar esses dados ao perfil dos professores e das práticas docentes que desenvolvem nestes estabelecimentos. Esse conjunto de elementos fundamentam a interpretação dos processos formais (especificamente escolares) e informais (no sentido da socialização familiar e redes de sociabilidade) que contribuiriam para a construção da *qualidade de ensino* destas escolas pressuposta em virtude do bom posicionamento dos egressos nos vestibulares das principais universidades do Rio de Janeiro.

3.2.1. As elites: da teoria política à sociologia

A tradição teórica sobre o tema - fortemente enraizado no campo da Ciência Política - focaliza marcadamente o problema do poder das minorias na condução das sociedades. Mosca e Pareto são as referências obrigatórias no que tocam os "clássicos". Entretanto a conceituação de elite/elites está longe de ser consensual. Uma primeira questão vincula-se à forma: grafá-la no singular implica na referência a uma "elite dirigente" (Bottomore) ou "elite no poder" (Wright Mills) numa oposição clássica entre elite e massas, classe governante e classe governada. Sugere, pois, para além da diversidade "aparente" das elites, visíveis em um sem número de ramos de atividades sociais (elite econômica, intelectual, religiosa, cultural etc.), uma cumplicidade e convergência de interesses, que desdobraria-se na colaboração entre o "poder" de uns e a influência de outros.

Pareto, apesar de reconhecer a diversidade irrefutável das elites, retoma a oposição maquiavélica entre classe governante e classe governada e, defende a

²⁸ No Rio de Janeiro, a Zona Sul é a área residencial tradicionalmente considerada "nobre", geralmente preferida pelas camadas médias e altas, onde estão localizados os imóveis mais caros (por m²) da cidade. Entretanto, a própria geografia e história de ocupação do espaço da cidade impõe a coexistência geográfica com as camadas mais baixas da população, que vive também (embora não majoritariamente) nesta mesma região em favelas.

existência de *uma* elite dirigente no singular e *das* elites não dirigentes no plural (Boudon; Bourricard, 1982).

O reconhecimento da simultaneidade empírica de uma elite dirigente com a pluralidade de elites - nos vários ramos de atividade em que se destacam os atores sociais - desdobra-se, no campo da pesquisa empírica, em não poucas dificuldades, no momento da definição de critérios de delimitação dos grupos ou atores sociais que comporiam as elites investigadas. Por exemplo: pode haver contradição entre o julgamento dos pares e o julgamento do público quando se estuda a liderança de professores, autores, artistas, cientistas... Além disso, é indiscutível que os diferentes campos de atividade são valorizados desigualmente, não só no interior de cada sociedade, mas em sociedades e conjunturas distintas (por exemplo: no Brasil, médicos e engenheiros, enquanto grupos profissionais já gozaram genericamente de um status muito maior do que gozam atualmente). Estas são algumas das razões porque somente em determinados recortes empíricos, e a partir de definições *ad hoc*, é possível arbitrar as referências que servirão para mensurar as características dos grupos de elites a estudar.

A divisão clássica entre classe dominante e classe dominada mostra-se hoje demasiadamente simplificadora diante das transformações que as "sociedades de massa" imprimiram à configuração das práticas, preferências e valores "dominantes", tornando consideravelmente mais complicado o reconhecimento de um sistema comum de valores que expressaria a "ideologia dominante", ou delimitaria as fronteiras entre cultura erudita e popular. Segundo Boudon e Bourricard (op.cit.) as preferências da classe dominante nem sempre são capazes de estabelecer as hierarquias entre as elites. O desenvolvimento das mídias, das artes de "massa" como o cinema, a TV, os esportes, a musica "pop" etc. contribuíram para flexibilizar as escalas de "valores tradicionais" nos mais diversos campos como a literatura, a música, a estética...

Na medida em que se desenvolveram hierarquizações parciais dentro das diferentes atividades e campos sociais, tornou-se cada vez mais difícil à imposição de valores e interesses próprios de um grupo, a outros. Portanto, o estabelecimento uma hierquização de formas e ramos de atividade, reconhecidos empiricamente por todos, é cada vez mais problemático. No caso das sociedades (liberais e industriais) onde o direito a palavra é mais difundido que nos outros tipos de sociedade, a rede de elites tende a ser muito mais heterogênea e complexa. Esta é uma questão normalmente negligenciada pelas teorias funcionalistas que enfatizam a colaboração (*funcional*) das frações da elite na manutenção do *sistema*, conferindo pouca atenção aos conflitos entre essas frações das elites dirigentes e à rivalidade entre os diferentes estratos das elites não dirigentes.

Os cientistas sociais estão normalmente de acordo em distinguir, no interior das elites, um subconjunto que exerce uma influência direta sobre o sistema social, embora não cheguem a um acordo sobre o caráter singular ou plural deste grupo. Uma perspectiva "vulgar" - tanto na perspectiva liberal quanto na marxista - entende que, sob a complexidade dos papéis sociais, há sempre uma classe depositária do poder representando os interesses das diferentes frações das elites. Os membros das classes dominantes, em larga medida em consequência da "herança" confirmada pela família e escola reportam-se, em última instância, a um "grupo de referência" que tende a confirmar seus próprios interesses; esta seria a razão porque *os membros da classe dominante cantam em uníssono sem que necessitem de um regente de orquestra* (ibid p.229). Os processos de socialização das elites são, portanto responsáveis pelos efeitos de cumplicidade entre os membros da classe dominante. Esta é a razão porque a família e a escola configuram-se como as principais agências de constituição dos *habitus* que servirão para distinguir a(s) elite(s) da(s) massa(s).

3.2.2. De que elites estamos falando?

Pesquisar as práticas educacionais dos segmentos das elites cariocas implicou, portanto, numa definição teórico-empírica do universo pesquisado. O recurso mais sistemático à teoria das elites se deu posteriormente a uma incursão inicial no trabalho de campo em uma das duas escolas, que são o objeto desta investigação. Muitas foram às questões suscitadas a partir desse material empírico. A primeira e mais central indicava a necessidade de um aprofundamento conceitual no campo das elites e da estratificação social. Seria legítimo caracterizar de elites a população investigada? Caso positivo, que categoria de elites representavam as famílias que procuram essas escolas? E os estratos médios que frequentam essas escolas poderiam ser considerados elites (intelectuais, artísticas, técnicas)?

Partimos da premissa que escolas de prestígio, como as que estamos estudando, são indiscutivelmente o *locus* de escolarização das elites. Era nossa suposição que os alunos destas escolas, mesmo aqueles que procedem de camadas menos providas de capital (econômico, cultural, social etc.), ao se matricularem nelas, estariam, de alguma forma, referidos às elites. Através dos investimentos em estratégias educativas e escolares próprias das elites estas famílias estariam apensando *capital simbólico* às credenciais escolares dos filhos e, simultaneamente, garantindo uma aproximação social de setores das elites que potencializaria a aquisição de novas formas de capital. Esses dois tipos de capital - simbólico e social - funcionam como "coringas" que ampliam as condições de sucesso no jogo social, tornando-se valiosos componentes na estrutura e volume de capital dos agentes.

Por elites estamos entendendo, portanto, aqueles grupos que se situam no ápice da estratificação social; posição social garantida ou por tradição familiar (os "herdeiros") ou por capitalização em suas trajetórias de uma estrutura e

volume de capital que permitem o trânsito por campos valorizados socialmente, com a respectiva possibilidade de ampliar a estrutura e volume de capitais que já possuem. Não há como escapar de uma perspectiva pluralista das elites, nem ao recurso às teorias de estratificação e mobilidade social.

Inúmeros são os conceitos que se cruzam com o de elite(s), entre eles destacamos: *classes* (médias, alta, gerenciais...) *estilos de vida*, *consumo conspícuo*, *estrutura ocupacional*, *prestígio*.

As *classes* são conceitos centrais no estudo da estratificação, pois resultam da distribuição desigual de vantagens e recursos sociais tais como a riqueza, o poder e o prestígio. Figueiredo Santos (2002), em recente trabalho sobre as mudanças na estrutura de posições de classe no Brasil, oferece importantes subsídios para a compreensão das condições de instabilidade ocupacional a que estão sujeitos os setores populares e as famílias das camadas médias que freqüentam as escolas que investigamos, assim como indicadores da luta concorrencial a que estão constantemente submetidas às elites profissionais (quadros dos setores públicos e privados) para preservarem seus postos de direção, gerência e coordenação técnica nas grandes empresas nacionais ou multinacionais. Este quadro, cada vez menos conjuntural, vai caracterizando uma nova composição das estruturas ocupacionais com importantes reflexos sobre os projetos estratégicos familiares de educação escolarização da prole.

A teoria das elites coloca menos ênfase no poder econômico do que a teoria marxista de classes. O poder nas sociedades contemporâneas assenta-se em uma variedade de recursos e, tende a espraia-se por uma infinidade de campos relativamente autônomos. É, nesta perspectiva que Bourdieu torna-se uma referência teórico-empírica fundamental desta investigação. Noções como campo, *habitus*, estratégias, volume e estrutura de capitais reconstruídas empírica de forma relacional a partir da empiria têm nos ajudado a compor os cenários e hipóteses de trabalho com que gradativamente tecemos algumas

interpretações sobre as características da escolarização desses grupos sociais numa grande metrópole brasileira.

A compreensão do sentido dos investimentos escolares e educacionais das famílias que freqüentam as escolas investigadas encontra, indiscutivelmente, na caracterização da estrutura e volume de capitais de que dispõem, um importante recurso analítico para a compreensão, dos recursos que mobilizam na educação/socialização dos filhos assim como, do papel da escolarização na vida social desses segmentos. Destaque importante, entre os componentes da estrutura de capital, jogam como assinalamos acima o capital simbólico, social e ainda, o "capital-informação" (Dantas, 2002)²⁹.

Os estilos de vida representam padrões de bens e serviços que caracterizam o cotidiano dos diferentes estratos da sociedade. Os gostos, as práticas culturais, as atividades de lazer e os consumos, normalmente, oferecem indicadores importantes a respeito da posição social dos estratos nas hierarquias sociais.

Em sociedades complexas, onde se desenvolvem amplas *escalas de prestígio*, os bens e serviços desempenham a função de signos de posições sociais, que muitas das vezes são o fundamento do capital simbólico dos grupos que se situam no ápice das hierarquias dos diferentes campos sociais. Portanto, o comportamento, os gostos, as preferências pessoais têm conseqüências sociais que extrapolam, em muito, as expectativas conscientes dos agentes sociais. Morar em determinados bairros, freqüentar determinados locais, e cursar determinadas escolas, por exemplo, transformam-se de em signos de distinção e marcam as "razões práticas", os *habitus* dos agentes e, indicam as posições sociais.

²⁹ Em nosso esquema teórico qualificamos como *capital informacional* um dos componentes da estrutura do capital cultural que, para Bourdieu, é sinônimo de capital cultural. Ver a respeito trabalho apresentado pela equipe do SOCED no Seminário do RC33 da ISA realizado em abril deste ano em Paris (Brandão e outros 2003).

É exatamente por essa característica de selos, signos e sinais de distinção que, entre os setores mais ricos da sociedade desenvolve-se a prática do *consumo conspícuo*, ou seja, as disposições para consumir determinados bens raros e ostentar posses materiais que indicam poder, prestígio e garantem o trânsito por setores restritos de bens e serviços. Frequentar e ser visto em determinados lugares e, com determinadas pessoas e grupos pode significar a condição de acúmulo de capital simbólico importante para fixar imagens de êxito e de distinção no espaço social.

Na situação atual de sociedades globalizadas e altamente competitivas, sob a égide do chamado neoliberalismo, restringem-se as posições, em todos os níveis das *estruturas ocupacionais*, e acirram-se as lutas por posições sociais nos diferentes níveis das hierarquias sociais. A educação escolar nesses contextos aparece como um dos trunfos necessários, ainda que nem sempre suficiente, para a manutenção das posições sociais e, muito especialmente, no esforço de ascensão social por parte dos setores das camadas médias. As escolas de prestígio entram nessa dinâmica em “mão dupla”, ou seja: adquiriram e mantêm o prestígio graças às elites que as frequentam, e o valor simbólico do nome da escola atrai, por sua vez, os grupos sociais que querem e precisam garantir condições de competitividade nos concursos de vestibulares das mais prestigiosas universidades do Rio de Janeiro, assim como facilitar o desenvolvimento das redes sociais que ampliam as condições de disputa por um lugar de destaque nas hierarquias sociais e ocupacionais.

Boa parte da sociologia de Pierre Bourdieu focalizou a socialização familiar e escolar na construção das características sociais que *distinguem*, simbólica e materialmente, determinados grupos no espaço social: *A Reprodução* (1975 no Brasil), *La Distinction* (1979), *L'homme Academique* (1984), *La Noblesse d'État* (1989). Estas pesquisas são particularmente interessantes como exemplos de reconstrução teórico-empírica das disposições (*habitus*) que garantem a coesão

das elites e a permanente mobilização dos agentes sociais na disputa pelas melhores posições nos campos, relativamente autônomos, que coexistem no espaço social (sociedade).

De todos os grupos sociais, aqueles constituídos à base escolar - instituídos pela imposição de um título e de uma identidade comum aos indivíduos ligados por fortes semelhanças sociais e, como tais reconhecidas e legitimadas - são indiscutivelmente os que mais se assemelham à família. (Bourdieu: 1989, p.257).

Segundo Bourdieu, a confrontação constante e prolongada com condiscípulos dotados de disposições semelhantes reforça, em cada um, as disposições e os valores partilhados e, desta forma a confiança no seu próprio valor. Ao constituir os alunos de elite em um grupo separado, as escolas que atraem esses grupos, os constituem em elite escolar, socialmente reconhecidas e, através dessa distinção publicamente instituída os leva a se nutrir de um sentimento de pertencer a um grupo excepcional e a desenvolver práticas impostas pelo sentimento da diferença que tendem a reforçar tais diferenças. Laços de fraternidade, intensos e duráveis, se instauram entre os colegas adolescentes, de forma tão "natural", como os sentimentos familiares no interior do grupo doméstico: desenvolve-se assim o *esprit de corps* tão comum aos egressos das "grandes escolas".

A segregação agregadora que a instituição escolar opera é, sem dúvida, o mais poderoso operador da estruturação social dos afetos, e as amizades ou os amores entre os condiscípulos são uma das formas as mais seguras e melhores dissimuladas da constituição dessa espécie particularmente preciosa de capital social que são as relações da escola, princípio durável de solidariedades e de trocas de todas as ordens entre membros da mesma classe de idade escolarmente instituída sob o nome de "promoção" (ibid, ibidem).

A convivência e as amizades que vão se consolidando nos anos de escola selam a adesão a valores comuns e, muito especialmente, ao valor do grupo enquanto corpo integrado e disposto a todas as trocas que reforcem a integração

e a solidariedade entre os pares: "todos por um e um por todos" é a expressão mais eloqüente do *esprit de corps* que se forma em instituições escolares que se caracterizam como formadoras de elites.

3.3. A entrada no campo: observação e entrevistas exploratórias

A entrada no campo se deu por duas vias: observações sistemáticas em sala de aula e duas entrevistas exploratórias com mães de um dos colégios investigados.

As observações feitas por uma equipe de 4 doutorandos, 1 mestranda e a coordenadora da investigação, durante cerca de um mês, foram desenvolvidas sem o recurso a uma grade de observação. Isto porque, neste momento exploratório o objetivo das observações era destacar - sem definições *a priori*, e na situação de sala de aula - os aspectos que aos olhos dos observadores ajudariam a desenhar melhor as estratégias de pesquisa mais pertinentes para investigar um problema pouco explorado entre nós; as práticas pedagógicas desenvolvidas em estabelecimentos escolares de prestígio (Almeida: 2000).

Além de observações nas salas de aula de três turmas de 8ª série, entrevistamos longamente o diretor de uma das escolas e, visitamos detalhadamente as instalações da escola tendo o diretor como nosso guia. Esta situação foi especialmente interessante para perceber a auto-imagem institucional enfatizada pelo diretor.

3.3.1. Sobre as famílias

Os **filhos dos quadros médios** ocupam uma posição totalmente específica no interior da escola (primária). Adotando, de uma maneira geral e qualquer que seja o seu resultado escolar, o perfil do bom aluno, seu comportamento mostra um certo "exagero". Este traduz simultaneamente a importância do investimento escolar para essas categorias - pois o tempo escolar organiza o tempo de infância dos quadros médios - e a complementaridade e o reconhecimento recíproco e simétrico das duas instâncias de socialização: a família e a escola.

Longe de aparecerem como privilegiados, no nível da escola (primária), os **filhos de quadros superiores/profissionais liberais** parecem manter um relacionamento ao mesmo tempo fácil e difícil e, em todo caso, contraditório, com a escola (primária). O período escola primária é colocado sob o signo da evidência, pois nada está diretamente em jogo: sua trajetória escolar (dá-se) na segurança de uma escolarização efetuada no "Secundário-Superior". Essa banalização do cotidiano escolar, que se traduz por uma mistura de indiferença e segurança, provoca um certo mal estar entre os professores. Se a escola primária organiza o tempo da infância entre os quadros médios, aqui fará apenas uma das facetas de um período consagrado, antes de mais nada, ao desenvolvimento da criança. (Sirota: 1994, p. 153/154).

Um tempo escolar organizando e, de certa forma, "roubando" o tempo da infância, e um tempo da infância que contém o tempo escolar, sem que este roube-lhe demasiadamente a infância. Será que esta hipótese se sustenta quando mergulhamos na experiência de escolar dos jovens que freqüentam algumas das escolas que formam as elites cariocas?

- ✓ A ansiedade dos quadros médios - face a escolarização dos filhos, recorrentemente flagrada pelas pesquisas e, ironicamente caracterizada de "boa vontade cultural" por Bourdieu (1979) - como se manifestaria nestas escolas?
- ✓ A organização da cultura escolar nestas instituições minimizaria o hiato entre os interesses da infância e as necessidades da escolarização?

Os dois segmentos (quadro médios e superiores) compõem o público das escolas pesquisadas. E é com esses tipos-ideais de alunos e famílias que essas escolas produzem a qualidade de ensino que balizam o prestígio dessas instituições. Os depoimentos colhidos em duas entrevistas exploratórias com mães de um dos colégios (o confessional) expressaram muitos bem esses tipos-ideais de famílias. Como na pesquisa de Sirota, ambas as mães entrevistadas, embora formadas em nível superior, não trabalham fora de casa. *O resultado, segundo Sirota, é uma translação dessas capacidades adquiridas para a profissionalização do papel de mãe.* Elas dão suporte à vida escolar dos filhos e

viabilizam - através do suporte logístico ao transporte, à organização dos horários, à avaliação dos custos, definição de prioridades etc. - uma série de atividades paralelas com o objetivo, explícito ou não, de ir além das exigências do cotidiano escolar. Criam assim um ambiente de socialização mais denso, pela multiplicação de atividades extra-escolares e pelo desenvolvimento de estratégias de diferenciação cultural que, embora independentes das demandas escolares, repercutem sobre as condições de escolarização dos filhos.

Entretanto sob essa pauta comum na direção de investimentos educacionais, faz uma enorme diferença à estrutura e volume de capitais (econômico, cultural, social etc.) com que as duas mães supervisionam e delineiam as condições de educação dos filhos.

A mãe situada nos estratos médios estrutura seu cotidiano à semelhança de um satélite em torno da vida dos três filhos. Mesmo com as duas filhas mais velhas já trabalhando (uma formada e outra ainda na universidade) ainda age como "motorista" das filhas e monitora passo a passo a escolarização do filho de 17 anos³⁰. Ela sabe as notas e médias do filho (um dos primeiros de sua classe, segundo e seu depoimento) os dias de prova, conhecem os professores e comunica-se com frequência com os coordenadores do colégio. Controla até mesmo o CR (coeficiente de rendimento) da filha universitária. A família experimenta uma situação de mobilidade descendente, que levou a filha mais nova, ainda na universidade, a procurar um emprego. Fala dos últimos três anos como extremamente difíceis do ponto de vista econômico. A "boa vontade cultural" em relação às demandas escolares é evidente e tem garantido a trajetória escolar dos filhos em colégio de excelência.

Já a mãe dos estratos superiores demonstra um acompanhamento muito menos ansioso da escolarização dos dois filhos. Os jovens parecem muito mais

³⁰ Na entrevista relatou minuciosamente uma discussão com a mãe de um colega do filho que, segundo ela sempre foi um parasita dos trabalhos de seu filho. O interessante é que no relato do trabalho de grupo que foi o "pivô" da disputa, o conjunto das situações falavam a favor do colega "parasita".

independentes na definição de suas atividades escolares e extra-escolares. Acompanha, mas não monitora, o cotidiano dos filhos. Diferentemente do que nos passou a mãe dos quadros médios, nesta família mãe e pai partilham o acompanhamento e a ajuda, quando solicitados pelos filhos, no desenvolvimento das atividades escolares.

O conhecimento vivido, tanto dos mecanismos sociais quanto do funcionamento do sistema escolar, que caracteriza os quadros superiores/profissionais liberais, lhes permite situar precisamente os momentos importantes, até mesmo determinantes, quanto à conservação de sua posição social. (Sirota: op. cit. p. 147)

A escolarização é encarada como um percurso natural, que pode mesmo ser interrompido com um intercâmbio que atrasou em um semestre, a finalização do ensino médio pelo filho. A relação com a escola é sempre crítica, evidenciada por um episódio de troca de escola dos filhos³¹. Os filhos dão conta das tarefas escolares, aparentemente sem necessidade de muita supervisão. A família já morou no exterior (Suécia) e o pai viaja freqüentemente em consequência de sua posição como engenheiro de uma grande firma multinacional.

³¹ A mudança foi motivada ao flagrar o equívoco no ensino de um conceito matemático pela professora da quarta série da filha (em uma das escolas de alto prestígio da zona sul do Rio de Janeiro).

3.3.2. Sobre as aulas: uma questão a aprofundar

Não faltam os que exaltem o computador e a Internet como a "verdadeira revolução do século" comparável à imprensa de tipos móveis de Gutenberg, que modificou a maneira de pensar e aprender (Muniz Sodré: 2002, p.12).

Nas observações exploratórias que fizemos em uma das escolas, a equipe composta de seis pesquisadores, consensualmente surpreendeu-se com a dificuldade que os professores demonstravam em conseguir um mínimo de silêncio para começar as atividades em sala de aula. Os alunos entravam conversando, gesticulando, em pequenos grupos ou sozinhos e, mesmo depois de várias tentativas dos professores de conseguir um mínimo de silêncio e atenção do grupo para começar a aula, as conversas tomavam conta do ambiente por cerca de dez minutos, e ainda que menos intensas, continuavam durante as aulas. Em respostas aos questionários, professores e alunos assinalam o mesmo "problema". Em conversas informais com professores e, com a diretora de outra escola, o tema da "desatenção" em sala de aula e da agitação dos alunos dificultando o andamento das aulas é recorrente. O sentimento que eles passam e, que nós mesmos, os pesquisadores experimentamos, é de uma enorme dificuldade desses jovens em prestar atenção pelo tempo necessário para acompanhar um segmento da explicação dos professores. Da parte dos professores, espantava-nos como conseguiam continuar as aulas em meio à "zona" que rotineiramente entremeava as práticas didáticas, fossem elas aulas expositivas, exercícios, trabalhos em grupos ou leituras de textos propostos para o tema da aula.

Surpreendeu-nos particularmente encontrar, em um colégio que tem fama de disciplinador, rigoroso - e que se destaca, de uma maneira geral, por ótimos desempenhos dos alunos em situações de concursos e provas - essa imagem de sala de aula. Por outro lado, pudemos observar que as aulas, de uma maneira geral, eram tecnicamente muito bem desenvolvidas: os professores começavam

normalmente relacionando o tema do dia a questões tratadas anteriormente, introduziam as noções novas, exemplificavam de várias maneiras, faziam exercícios de fixação ou de ampliação, solicitando a participação individual ou em grupo dos alunos antes de concluir a aula. Por várias vezes sentimo-nos revivendo a condição de alunos, e em não poucas ocasiões perguntávamos porque tanta dispersão em aulas normalmente tão bem estruturadas e, sobretudo, como os professores aturavam tamanha agitação...

As observações da equipe contrastavam, portanto, fortemente com a representação de controle e disciplina que se construiu em torno das práticas pedagógicas desta e outras escolas procuradas pelos mais diferentes segmentos das elites. Entretanto, refletindo sobre o tempo de observação em sala de aula, lembrávamos de ter observado, por mais de uma vez, respostas surpreendentemente ajustadas ao contexto das aulas, das quais aparentemente esses alunos estavam "desligados". O que explicaria esse aparente paradoxo?

No sistema moderno de comunicação das sociedades ocidentais, seja baseado na transmissão oral ou na escrita, as informações eram simplesmente representadas, isto é, apresentadas ao receptor numa forma isenta de sua dinâmica ou de seu fluxo original, o que implica como principais recursos de linguagem a palavra e o conceito.(...) Com as tecnologias do som e da imagem (rádio, cinema, televisão), constituiu-se o campo audiovisual, e o receptor passou a acolher o mundo em seu fluxo, ou seja, fatos e coisas reapresentados a partir da simulação de um tempo "vivo" ou real, na verdade uma outra modalidade de representação que supõe um outro espaço-tempo social (imaterialmente ancorado na velocidade do fluxo eletrônico)...(Muniz Sodré: 2002, p. 16/17).

Certamente faltava-nos algumas chaves para a compreensão dessa conexão/desconexão dos alunos observadas nas salas de aula. Pouco a pouco fomos formulando uma hipótese sobre as prováveis modificações dos padrões de cognição entre os jovens (quando reportados aos padrões experimentados pelos professores e gerações anteriores) que responderiam algumas de nossas interrogações. A literatura pertinente já vem apontando há muito tempo o impacto, sobre a vida e lazeres dos jovens, das novas tecnologias e da mídia. O

"zapping" mudando constantemente as imagens e os sons, provavelmente desenvolveu subjetividades inquietas, pouco centradas, mas, provavelmente, bem mais capazes que as gerações anteriores, de captar instantaneamente configurações sequer pressentidas por aqueles que tinham uma inteligência marcadamente "focal". Esta permanente circulação imagética e sonora provavelmente estaria construindo de uma nova lógica, um *habitus* de codificação/decodificação de discursos: fragmentários, plásticos, versáteis... O estar "plugado" em várias atividades simultaneamente (TV, internet, telefone e, ao mesmo tempo comendo e procurando um disco...) transitando permanente e concomitantemente em diversos "canais" estaria formatando um novo estilo de cognição. Os adultos (professores, pais, pesquisadores) ao avaliar a atenção dos jovens com base em suas experiências quando jovens e estudantes, não estariam encontrando os "sinais" de atenção e interesse que aprenderam a reconhecer como condições de aprendizagem.

Essas hipóteses encontraram em uma pesquisa, sobre a escrita dos jovens na internet, desenvolvida por Maria Teresa Freitas (2000) alguns indícios de pertinência empírica. A hipótese da pesquisadora é de que a escrita na internet estaria afetando a consciência e a forma de cognição. O *habitus* do leitor teria sido modificado pela transformação dos artefatos de leitura e escrita na internet. Diz-nos ela:

Não é mais o leitor que se desloca fisicamente nas operações de leitura de um texto, virando as páginas, procurando volumes entre estantes de livrarias ou bibliotecas, mas é um texto móvel e caleidoscópio, que apresenta suas facetas, gira, dobra-se e desdobra-se à vontade diante do leitor, misturando as funções de leitura e escrita, elevando-se a potência do coletivo a identificação cruzada do leitor e autor. A leitura na internet coloca nos mesmos planos a exterioridade da oralidade e a interioridade da escrita. (Freitas: 2000, p.178).

Segundo a mesma autora a tecnologia digital ao exigir uma série de transformações no suporte e nas formas tradicionais de operar a leitura e a escrita sugere *um novo modelo mental interativo, explorável, móvel, modificável,*

articulado sobre mil reservas de dados. (idem, idem) Diferentemente do texto didático (oral e escrito) que implica em reiteraões e repetiões permanentes, esse novo estilo de cognião desenvolve-se na mobilidade, no fluxo permanente e aparentemente desordenado de deslocamentos de atenão, compondo entretanto significados que, a maneira de um mosaico, acabam por compor imagens e significados coerentes. Talvez seja uma nova lógica nesta direão que explique o aparente paradoxo das observaões descritas acima. Entretanto, esta hipótese vai requerer uma retomada teórico-empírica com base no aprofundamento da revisão bibliográfica sobre estilos de cognião na contemporaneidade.

3.3.3. A visão de um professor

A exacerbada mobilidade contemporânea torna aguda a consciência de que é preciso acompanhar as mudanças mesmo sem que se conheça exatamente a sua natureza (Muniz Sodré: 2002, p.18).

Nesta primeira fase da pesquisa entrevistamos uma professora que tem uma longa experiência de trabalho não só em escolas de prestígio do Rio³² como durante muito tempo no setor público.

Essa entrevista³³, revista depois do trabalho de observação em sala de aula e dos primeiros resultados dos questionários, oferece algumas reflexões importantes sobre as mudanças nos estilos de cognião dos jovens decorrentes, em parte, do impacto sobre o cotidiano das transformações tecnológicas e midiáticas, assim como estratégias que utiliza no trabalho com esses jovens.

A professora reafirma determinadas características da clientela dessas escolas: *meus alunos têm muita informação... são muito viajados e filhos de pais com nível superior.* Frequentam lugares e grupos do mesmo nível social, os que os

³² Trabalha em uma importante escola confessional, mas trabalhou também em outras confessionais, em uma importante escola "alternativa"³² e, em uma escola judaica.

³³ A transcrição da entrevista completa encontra-se nos Anexos. Dela retiramos somente os nomes de pessoas e instituições, por razões éticas.

torna alunos que distanciam-se em muito do aluno padrão brasileiro, e especialmente dos que freqüentam as escolas públicas comuns.³⁴

Falando da biologia (matéria que ensina) indica que apesar de muito acesso a informação o que a escola deve fazer por esses jovens é ajudá-los na sistematização do conhecimento. Nossa depoente sente que os jovens dessa faixa etária exigem estratégias específicas da parte dos professores que se ajustem aos estilos de cognição já moldados por um mundo audiovisual nos quais transitam freqüentemente na lógica do hipertexto.

...eles não têm muita paciência de ficar prestando atenção na aula... De uns três anos para cá eu comecei a mudar... **eu mudei muito por imposição deles**, porque na medida em que eles têm dificuldade de concentrar na aula... ou eu mudava ou ia viver num embate permanente. Então eu fiz mudanças na minha maneira de dar aula... primeiro, que eu não fico falando **mais** do que dez minutos com eles... eu mesclo... eu..mesclo. Eu falo um pouquinho, aí eu boto uma questão, coloco um discutir com o outro... É uma aula que me **cansa** muito. E por que? Eles são 40 dentro da sala, então eu mesclo.. eu falo... eu vou lá e explico...pergunto... eu tenho o cuidado de não ficar muito tempo falando. Então, rapidamente, é só olhar...já estão voando, já estão longe... então eu digo... vamos lá.... É uma aula cansativa!

A professora indica entre outras estratégias, a longa preparação de aulas em que subdivide, por exemplo, a turma em três grupos - o da biblioteca, o do laboratório de informática e o que fica com ela na sala - e que envolve a colaboração de outros agentes da escola como: a bibliotecária, a responsável pelo laboratório que, orientadas pelo plano de trabalho didático selecionam parte do material (livros, revistas, sites na internet) para otimizar o tempo da atividade em grupo desenvolvido pelos alunos.

O que fica evidente no depoimento é o envolvimento da professora no trabalho *com esse tipo de aluno e nestas escolas*. Sobre a escola pública fica claro o desencanto: *uma tristeza, eu acho uma tristeza... o mesmo professor ...*

³⁴ Os colégios de aplicação e algumas das escolas federais (que fazem parte da amostra da atual pesquisa do SOCED, são exceções, como umas poucas outras escolas do setor público.

que tenta dar o melhor dele na escola privada, a não ser uns poucos, se tem que faltar, ele vai faltar na escola pública. A escola pública é uma escola que não tem cobrança...

Nossos dados trazem evidência de que - seja em decorrência do tipo de clientela dessas escolas, seja pela lógica institucional de maior controle e cobrança) - o investimento dos pares leva o conjunto dos docentes a manter um bom padrão de investimento no trabalho da sala de aula.³⁵ Apesar disso, esta professora demonstra uma clara consciência dos limites que as instituições escolares encontram hoje para lidar com os estilos de cognição dos jovens:

... (A escola) tenta pegar o conhecimento e arrumar o conhecimento. Aí que eu acho que nos tempos atuais essa postura nossa dos professores de querer **arrumar** - agora é o capítulo tal... nhe nhe nhem...
- isso vai ter (a ver) com isso... O livro didático, né? O professor tem uma **tendência** a seguir... (uma certa ordem)... **não é nada disso**. Hoje, o computador mostrou... a informática... **com o hipertexto que não é nada disso**. Daqui ele abre ali e é pá, pá pá. (indicando passagem rápida de um texto para outro) E aí? ... o menino pega o controle (remoto) e vai mudando pá, pá , pá... ele pára... vê um pouquinho e... já entendeu... Ora, se o menino é capaz de sair (pulando de um canal para o outro)... entendendo tudo que lê e, está vendo... por que a escola insiste **na seqüência** dos assuntos.. **na dosagem**? Então a gente tem que dinamizar, tem que disponibilizar esse conhecimento para esse menino de uma forma mais dinâmica, porque quando ele entra no computador, ele está vendo um hipertexto.

Ao indagarmos dessa professora sobre o que essas escolas de prestígio agregariam aos alunos, ela assinalou um aspecto que nos pareceu muito interessante, porque vai no sentido do que nossa observação nessas escolas vem, na maior parte das vezes, indicando:

Eu acho que as escolas tentam **disciplinar** esse aluno... **muito!**... não pode ir de short... se chegou com sandália de borracha, **volta!**... o aluno chega e bota o pé na cadeira da frente, eu digo: **não pode fazer isso!** Ou então, tá dormindo na aula. Baixa a cabeça e dorme. Eu vou lá e digo. Oh! Não pode dormir não. Vá lá fora, vá lavar o rosto.... Isso não pode. Imagina no futuro aí, no seu trabalho. Esta uma pessoa falando, você tá dormindo. Entendeu, cara? O que eu observo, eles trazem pra sala de

³⁵ Ver a respeito os dados tanto dos questionários dos alunos como dos professores sobre este tema.

aula ... o que eles fazem em casa... Então a gente tenta disciplinar. A escola já tem um papel muito disciplinador, né? Aluno atrasado, bateu o sinal depois que eu entro, tem uma norma. A partir daí, ele coloca a cara lá no vidro, eu digo, oh, não dá não. Então eu acho que aí a escola... é muito... não tem conversa. Perdeu a prova, perdeu. Entendeu. Vai fazer a segunda chamada... mas a escola sempre teve esse papel, né? Disciplinadora...

Um dos aspectos que tem nos chamado à atenção na continuidade da pesquisa tem a ver com o controle, a coordenação, ou melhor, um certo clima institucional de permanente conexão entre as equipes, de uma "linguagem comum" com o qual normalmente se garante uma identidade pedagógica. Essas escolas normalmente fazem-se presentes na vida desses jovens garantindo o respeito a certas normas e incentivando certas atitudes entre os alunos (leituras, trato social, responsabilidade, estímulo ao trabalho voluntário... às artes) que julgam instrumentos importantes para a conformação de um *ethos*, da autonomia (indivíduoação) que não contradiz um certo *esprit de corps* próprio aos setores dominantes das sociedades.

3.3.4. A opção pelos *surveys* e a construção dos questionários

A necessidade e os benefícios da articulação entre pesquisas qualitativas e quantitativas foi acentuada por Stajn, Bonamino e Franco (2003) no tocante à produção de questionários de levantamentos em avaliação educacional. Os autores destacam que "os grandes levantamentos quantitativos não podem ignorar os conhecimentos obtidos por meio de investigações educacionais de natureza qualitativa" (op.cit.: 20). Tal articulação possibilitaria, segundo os autores, identificar os aspectos ou fatores que concentram maior probabilidade de relação causal com os resultados encontrados, bem como definir com maior rigor o que se considera efetivamente importante avaliar.

Buscando conciliar essas abordagens, utilizamos distintos instrumentos metodológicos, agregando aos dados das observações de campo nas escolas,

entrevistas individuais, resultados da aplicação de questionários, para estudar como se cruzam e combinam as influências familiares, sociais e escolares na formação acadêmica dos jovens matriculados naquelas escolas de prestígio. A elaboração dos instrumentos, além de partir do diálogo com a literatura pertinente, valorizou a integração teoria-empíria, valendo-se da produção anterior do grupo e do material produzido a partir da incursão exploratória que acabamos de relatar.

Elaboramos três questionários auto-administrados para as populações-alvo da pesquisa, a saber: pais, alunos da 8ª série e seus respectivos professores. O objetivo foi levantar informações sobre a origem familiar, práticas culturais, hábitos e condições de estudo dos jovens investigados, lazeres e consumos culturais, além de características das relações família-escola, professor-aluno, e os estilos pedagógicos dos profissionais.

O primeiro passo foi construir um quadro de referência com os conceitos envolvidos, a fim de definir, explicitar e justificar os conceitos (construídos a partir de teorias e codificações gerais da experiência e das observações realizadas) que se pretendia captar pela aplicação do instrumento: e que poderiam, posteriormente, oferecer chaves para a investigação das questões de pesquisa e das hipóteses de trabalho propostas. A operacionalização dos questionários envolveu ainda a especificação das observações empíricas que poderiam ser tomadas como indicadores dos atributos (p. ex. masculino ou feminino) contidos em algum conceito (neste caso, gênero), bem como a caracterização de cada conceito como observável ou latente³⁶.

³⁶ Um conceito é considerado observável quando utilizamos, em um questionário, itens de informações que o respondente acredita representarem "a verdade" e o pesquisador aceita como tal. As características demográficas como sexo, idade, gênero são alguns exemplos de conceitos desta natureza. Entretanto, se o interesse do pesquisador for investigar um conceito mais complexo, por exemplo "nível socioeconômico", que evoca diferentes imagens para diferentes pesquisadores, este conceito é classificado como latente. Muitas vezes (e espera-se que isto aconteça) o respondente não identificará a finalidade latente por trás das perguntas. Partindo-se da concepção de conceito como resumo *ad hoc* da experiência e das observações, pode-se ver que eles não têm significados "reais". Desta forma, não há medidas "corretas" ou "incorretas",

A experiência do SOCED foi bastante rica e possibilitou testar os instrumentos, os procedimentos e a preparação da base de dados com o material empírico produzido a partir do *survey* nestas duas escolas. Isto permitiu avaliar a clareza e precisão dos termos utilizados no questionário, seu formato, o desmembramento e a ordem dada às questões. Além disso, foi possível verificar se os itens do questionário produziram variância suficiente, se funcionaram adequadamente para gerar medidas úteis de análise e se as respostas dadas a eles referendavam os conceitos priorizados. Todo o aprendizado desta etapa da pesquisa já foi utilizado no aperfeiçoamento destes instrumentos visando ampliar o universo investigado na etapa seguinte.

Os conceitos que nortearam a construção dos questionários foram:

Alunos	Pais	Professores
Caracterização sócio-demográfica: estrutura familiar, sexo, idade, bairro residencial. Trajetória escolar: trajetória escolar (tipo de escola, repetência, professor particular, etc) Contexto escolar: clima escolar, práticas de estudo Práticas de estudo: práticas de estudo (local de estudo em casa, frequência do dever de casa, tempo gasto com estudo de casa etc) Capital cultural: apoio cultural familiar, participação em	Caracterização sócio-demográfica: estrutura familiar e orientação religiosa Capital social: envolvimento familiar, participação na vida escolar, envolvimento da família com amigos e/ou pais dos amigos do filho e professores da escola. Caracterização socioeconômica familiar: profissão e ocupação dos pais, posse de bens, NSE/ABIPME, condição do domicílio, renda familiar Capital cultural: nível de escolaridade, caracterização da	Caracterização sócio-demográfica: sexo e idade Caracterização socioeconômica: salário como professor, média salarial em relação à categoria de professor, renda familiar bruta Experiência profissional: anos de formação, anos como professor, anos na escola, experiência na rede pública de ensino Formação profissional: caracterização da instituição formadora e titulação Condições de trabalho: número de escolas em que trabalha e carga

mas apenas medidas úteis, ou seja, que contribuem para compreender os dados empíricos e desenvolver teorias sociais.

atividades de natureza artística, conhecimento de língua estrangeira, diversidade de leitura, atitude de leitura, práticas de lazer, práticas culturais, diversidade de programas de televisão, viagens internacionais Capital social: diálogo familiar, envolvimento da família com amigos e/ou pais dos amigos do filho Caracterização socioeconômica familiar: posse de bens	instituição formadora, conhecimento de língua estrangeira, participação em atividades de natureza artística/cultural, diversidade de leitura, diversidade de programas de televisão, viagens internacionais, práticas de lazer, práticas culturais Apoio econômico familiar na educação: investimento econômico na educação	horária semanal Contexto escolar: clima escolar, perfil dos alunos, comparação entre alunos, cooperação entre pares, avaliação da atitude familiar na escolaridade, utilização de recursos pedagógicos na escola Visão sobre a escola: comparação entre escolas e papel fundamental de uma escola Definição de elite: caracterização das famílias dos alunos e pertencimento à elite Capital cultural: conhecimento de língua estrangeira, diversidade de leitura, diversidade de programas de televisão, práticas de lazer, práticas culturais, viagens internacionais
---	--	---

Apresentados os temas e conceitos elencados nos três instrumentos, passaremos agora a uma análise dos resultados obtidos a partir dos questionários. Destacaremos alguns dos elementos que julgamos relevantes para a produção da imagem da qualidade escolar nas duas escolas estudadas.

O questionário de alunos foi aplicado a 319 estudantes de 8ª série do ensino fundamental (na faixa dos 14-15 anos), 143 pais e 29 professores desta série das duas escolas. Estes mesmos alunos fizeram chegar os questionários às mãos de seus pais. Os instrumentos - aplicados em outubro e novembro de 2002 - foram respondidos por cerca de 99% dos alunos da 8ª série, 45 % dos pais e 99%

dos professores, de ambas as escolas. Na elaboração da maior parte deste relatório, os dados de ambas as escolas serão tratados globalmente. A continuidade dessa investigação, com a ampliação de campo empírico para 10 escolas, permitirá uma caracterização mais detalhada de cada escola, bem como a discussão dos aspectos em que elas se assemelham ou se distinguem.

No próximo capítulo deste Relatório (4) estão as análises preliminares e algumas hipóteses sobre as condições de escolaridade presente nas duas primeiras escolas pesquisadas. Esses tópicos foram submetidos ao debate com pares em várias ocasiões (Seminários e Congressos). Tais debates subsidiam a atual pesquisa do SOCED: **Processos de Produção da Qualidade de Ensino. Família, Escola e Cultura.**